

## IDENTIDADE, DIFERENÇA E CULTURA: OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS E SUAS IMPLICAÇÕES NOS CURRÍCULOS E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

JULIANA BRITO DOS SANTOS<sup>5</sup>

### Resumo

O presente trabalho aborda a discussão do componente estágio supervisionado nos espaços de formação de professores como potencializadores nas discussões acerca de identidade, as diferenças e as culturas que perpassam as instituições sociais, e dentre elas neste trabalho em destaque as escolas. Traçamos como objetivo discutir as implicações do estágio supervisionado e suas implicações no currículo e na formação de professores a partir da perspectiva alargada do conceito de identidade, diferença e a cultura. Para realização do debate colocado neste trabalho e buscar responder ao objetivo posto neste debate, foi utilizado o método da pesquisa bibliográfica, sendo identificada como um conjunto organizado de procedimentos. Neste ensaio é abordado de maneira breve o conceito de estágio supervisionado, suas possibilidades formativas dentro das Instituições de Ensino Superior (IES), as relações que se estabelecem e que desencadeiam no berço destas práticas formativas, por fim discute como a cultura, as diferenças e a identidade perpassam estes momentos formativos e a necessidade de uma desconstrução dos currículos engessados afim de fomentar maiores discussões sobre as possibilidades de debates sobre estas temáticas através do componente curricular estágio supervisionado.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado. Cultura. Identidade. Diferença. Currículo.

### INTRODUÇÃO

Ao dialogarmos sobre os processos formativos, muitos são os entendimentos e várias são as discussões que perpassam na academia, neste sentido dar ênfase a único componente pode ser questionado o porquê, e apontamos inicialmente que não defendemos a hierarquia de um componente sobre o outro. A escolha pelo componente estágio supervisionado para ser objeto de discussão neste ensaio, se dar pelas características peculiares com relação ao demais, tais como: aproximação com o futuro espaço de trabalho, vivência da docência de

---

<sup>5</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Curso de Pós Graduação *Stricto sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidades pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestranda.

maneira sistematizada, aproximação com documentos oficiais no espaço escolar e as dificuldades e potencialidades que perpassam a profissão docente. Vemos com o estágio uma aproximação concreta ao futuro ambiente de trabalho, além de concretização e correlação criada com os componentes discutidos no início do processo formativo. Chamamos atenção que a correlação dos componentes antes do estágio com o componente curricular estágio não devem se apresentar como “aplicar a teoria na prática” ou aquela velha frase clichê “na prática a teoria é outra”.

De acordo com o senso comum, a teoria seria apenas o “conhecimento” produzido na Universidade, adquirido através de leitura de livros, artigos, periódicos, em resumo, através de estudo. A prática seria a “execução” de uma atividade. Como aponta Pimenta (2010, p. 28) “é impossível a execução de algo sem um conhecimento para conduzir o processo. “[...] sabemos que para fazer, realizar é preciso saber, conhecer e ter os instrumentos adequados e disponíveis. Neste sentido defendemos a necessidade de articulação e uma unidade teórico/prático para potencializar mudanças significativas nos currículos atuais.

Um ponta pé inicial será uma desconstrução dos conceitos de cultura, identidade e diferenças que partem de uma construção social e que através dela também pode ser reconstruída. Devemos avançar por exemplo no debate e compreender esta reconstrução social a partir de si e também do outro, esta relação de alteridade e a visão deste binômio precisa perpassar o currículo, só assim teremos maiores discussões nos espaços de formação de professores.

Temos como objetivo discutir as implicações do estágio supervisionado e suas implicações no currículo e na formação de professores a partir da perspectiva alargada do conceito de identidade, diferença e a cultura.

Para elaborar este ensaio foi utilizado a pesquisa bibliográfica que resulta de um conjunto organizado de procedimentos advindo da busca de soluções, ligado ao objetivo a ser estudado, contudo não pode ser elaborado aleatoriamente (LIMA; MIOTO, 2007).

Segundo Gil (2002) uma pesquisa bibliográfica é elaborada como uma série de materiais que vão servir como base para confecção do estudo, baseando-se em experiências de vários autores, assim as etapas foram elaboradas como: escolher o tema, realizar o levantamento bibliográfico

preliminar, formular um problema, buscar fontes, ler todo material encontrado, organizar de forma lógica os assuntos e redação do texto.

Neste sentido apontamos a seguir um pouco das discussões que perpassam o estágio supervisionado, os currículos e a importância de uma reflexão acerca dos termos cultura, identidade e diferença. Apontamos como conclusão a necessidade de questionamentos se os currículos estão dialogando em consonância com o desenvolvimento dos mesmos durante a formação.

## **DIALOGANDO NA PERSPECTIVA DE PRÁTICAS FORMATIVAS REFLEXIVAS ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

O estágio curricular ou supervisionado são atividades que devem ser desenvolvidas pelos discentes no período em que estão na graduação, e que estas atividades sejam no seu futuro campo de atuação profissional (PIMENTA 2010, p. 21). Vale destacar que o estágio supervisionado ou obrigatório, como alguns autores chamam, neste nosso texto adotaremos a nomenclatura de estágio supervisionado, ocupou importante espaço na reconfiguração da formação de professores, constituindo em um importante momento formativo. Com isso, tendo em vista a importância do estágio, sobretudo nos cursos de licenciaturas, tratamos desta temática apenas nos cursos de licenciaturas.

Pimenta e Lima (2011) vêm afirmando que este interesse na pesquisa sobre estágio pode se dá buscando compreender como este componente curricular contribui na formação de professores através da prática pedagógica. Esta prática não se restringe apenas no fazer sem significado, mas proporciona momentos educativos que além de instrumentalizar propõe o sujeito acreditar na sua profissão. Segundo as autoras o estágio é:

[...] uma atividade teórica instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade. Neste sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim objeto de práxis (PIMENTA e LIMA, 2011, p.45).

Este é o momento onde a prática da realidade se evidencia e os

estagiários descobrem as possibilidades da escola, seus futuros ambientes de trabalho, põe em prática todo o seu conhecimento adquirido durante os anos iniciais da formação, ou a primeira metade do curso. O que está sendo apontado não é praticar o que foi vivenciado durante a primeira metade do curso, mas agregar o conhecimento e potencializar a prática pedagógica durante o momento de vivência da docência através dos estágios supervisionados. O estágio é o momento da formação que permite ao licenciando a concretização da sua formação individual, uma vez que a formação coletiva se dá, principalmente, dentro da sala de aula, com todos os colegas e professores da Universidade. Nesse momento individualizado existe o contexto de estar sozinho numa realidade diferenciada, cercado com as dificuldades e possibilidades que se busca durante a vivência da docência.

Desta forma o estágio é mais um momento formativo da academia, sendo desenvolvido nas escolas, através de um conteúdo trabalhado de forma sistematizada. Além da regência das aulas, os discentes também têm contato, geralmente, pela primeira vez com as reuniões pedagógicas ou reuniões de Atividade Complementar (AC), acesso aos documentos da escola como o projeto político pedagógico (PPP), diários de classe, caderneta de notas, conselhos de classe, entre outros. Esse contato possibilita reflexões sobre a realidade que cerca a profissão de professor. Há com isso uma maior aproximação com as dificuldades a serem enfrentadas, e conseqüentemente, criação de estratégias didático-pedagógicas para a solução dos problemas encontrados.

O estado carente que se encontra a Educação enquanto elemento, que em certa medida auxilia na constituição dos sujeitos, a desvalorização por parte dos alunos a este elemento, a escassez de materiais dos variados componentes curriculares, os espaços inadequados, inexistentes por vezes, são fatores que se tornam mais evidentes durante este período (estágio), e podem influenciar na tomada de decisão de como conduzir a futura profissão e na formação destes professores.

Temos com este breve apanhado uma relação entre os estágios supervisionados e a formação docente. Esta relação fica mais evidente quando pensamos que o estágio se torna o primeiro elemento que aproxima os alunos de

graduação a seu futuro campo de trabalho, um segundo elemento são os atravessamentos que perpassam o ambiente educacional, a destacar: espaços, materiais, desvalorização do ensino, assim como desvalorização da categoria docente. Com estas premissas ousamos apontar que este segundo elemento está ligado em certa medida a cultura de determinadas sociedades.

Sobre cultura cabe apontar que estamos ampliando este significado, não estamos querendo ficar presos as definições generalistas de senso comum ou o que são apontados pelos dicionários que vem definir cultura como um conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, o que caracterizam um grupo social. Estamos pensando em um conceito mais ampliado, não reducionista e não determinista de cultura, o que nos propõe pensar que existem diversas culturas e diversos grupos culturais, torna-se importante salientar que pensar o conceito de cultura deve partir de uma visão ampla, primeiro por entender e defender que existem diversas culturas e grupos culturais, o que mostra uma dinâmica acerca do conceito. Tal dinamismo nos propõe pensar que cada estagiário traz consigo construções sociais diferentes, culturas diferentes de suas diferentes regiões, o que implica nas atitudes tomadas durante o processo das práticas pedagógicas no período de estágio.

Um segundo ponto é entender o quão difícil durante o processo formativo nos períodos de estágios, quando se parte do conceito de cultura amplo, é buscar encontrar um ponto de equilíbrio entre a cultura do estagiário e a cultura dos alunos que estão recebendo estes estagiários dentro dos espaços escolares. O que reforça a nossa visão da necessidade de partir deste conceito de maneira mais ampla e respeitosa para com seus pares.

De acordo com Canedo (2008) embasados no que conta a história, a palavra cultura vem da raiz semântica *colere*, que originou o termo em latim *cultura*, de significados diversos como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração. França e Alemanha foram os países que mais utilizaram o termo cultura para se referenciar a vários elementos, no pensamento iluminista francês, datado por volta do final do século XIII e início do XIX, a cultura caracteriza o estado do espírito cultivado pela instrução. No vocabulário francês da época, a palavra também estava associada às ideias de progresso, de evolução, de

educação e de razão. Cultura e civilização andavam de mãos dadas, dando origem ao conceito universalista de cultura, já na Alemanha a concepção de cultura é, um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade, originando o conceito particularista da cultura (CANEDO, 2008).

Nestas prerrogativas, apontadas de maneira inicial, vemos que a autora rememora o pensamento Francês e Alemão acerca do conceito e utilização do termo cultura, passando de desenvolvimento agrícola para desenvolvimento humano, evocando os progressos individuais. Enquanto civilização se direcionava aos interesses coletivos, os povos irracionais ou selvagens eram postos como sem cultura, porém através dos canais do conhecimento e instrução intelectual, chegariam a civilidade.

A concepção universalista de cultura foi sintetizada por Edward Tylor, que apontava a cultura como sendo um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade de hábitos adquiridos. Contudo Tylor acreditava no evolucionismo, percorrendo assim uma escala evolutiva cultural, chegando ao alto nível da sociedade civilizada. Contrário ao pensamento evolucionista de Tylor, Franz Boas aponta a presença de várias culturas e determina que a diferença entre grupos sociais está justamente nas culturas, e não na relação de raça, etnias e gênero.

A evolução do significado de cultura no debate entre estes dois países marcou a formação das duas concepções de cultura que estão na base dos estudos das Ciências Sociais. Contudo com a posta modernidade os debates já foram ampliados, o que nos faz criticar a aceitação que foi dada ao conceito de cultura, de forma sintetizada, traduzindo tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor.

Alfredo Veiga Neto (2003) critica o sentido que foi dado por muito tempo ao conceito de cultura apontando que [...] a "cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido; universal porque se referia à humanidade, um conceito totalizante, sem exterioridade" (VEIGA NETO 2003). Sendo escrita com letra maiúscula e no singular, apontando um status muito elevado e singular, uma vez

que era considerada única. O que remete a divisão dura do que Alfredo Veiga-Neto vem apontar de baixa e alta cultura, modelo utilizado por muito tempo pela sociedade como um bem a ser alcançado (VEIGA-NETO, 2003).

Juntamente com esta ideia de baixa e alta cultura, foi atribuído à educação como o caminho para o atingimento das formas mais elevadas da cultura. Assumindo tranquilamente um entendimento generalizante, essencialista e abstrato sobre o indivíduo e a sociedade, a educação escolarizada foi logo colocada a serviço de uma modernidade que deveria se tornar a mais homogênea e a menos ambivalente possível.

Amparados neste discurso de que a instrução educacional era a forma mais elementar de se atingir níveis altos de cultura, que a civilidade só seria alcançada a partir de uma homogeneização da sociedade, foi descredenciado as investigações de Franz Boas por exemplo, que defendia a existência de culturas diferentes, o que em termos reducionistas, significa uma identidade única e a rejeição de toda e qualquer diferença (VEIGA-NETO 2003).

Reconhecendo a multiplicidade de interpretações e usos do termo cultura, apontamos que cultura é tida como fator de propulsão ou de resistência ao desenvolvimento humano, econômico, social, educacional entre outras esferas. O que nos leva a perceber que um olhar diferenciado destes reducionistas preconizados ao longo dos dois últimos séculos sobre as definições de cultura, se encarados agora por outro viés, aquele que não é único, que não é natural, que não é essencialista e nem tampouco determinista nos fará dar um salto acerca de vários elementos, em destaque neste texto a educação. Defendemos também que cultura deve estar sendo identificada num contexto de propulsão, e se por ventura apresentar a característica de resistência, que seja resistência ao determinismo, ao reducionismo e as relações de poder, que por vezes se apresentam com proposições de ideologias. Cabe salientar que as relações de poder influenciam diretamente nas questões acerca da discussão de cultura, de identidade e também das diferenças.

Silva (2003) aponta que compreender diferença e identidade é refletir que ambas são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, que esta relação está ligada a relação de alteridade, o eu e outro. "A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição –

discursiva e linguística – está sujeita a relações de poder” (SILVA, 2003). Aponta ainda que a identidade e a diferença se entrelaçam em forma de binômio. A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, em operações de incluir e excluir, o que na perspectiva educacional este binômio irá afetar diretamente os espaços escolares.

Chamamos a atenção quando dialogamos sobre a identidade e a diferença partindo da perspectiva adotada por Tomaz Tadeu da Silva (2003), e buscamos correlacionar com os espaços escolares durante o processo de estágio, destacamos que respeitar estes elementos nos espaços de sala de aula pode ser considerado um elemento que potencializa a prática docente, afinal enquanto educadores, compreender que cada aluno carrega sua identidade, suas culturas e conseqüentemente apresenta também suas diferenças em relação entre seus pares. Este é um pressuposto primordial para qualificar a prática docente.

As práticas do estágio supervisionado, quando exercidas separadamente dos conceitos de cultura, identidade e diferença, tornam-se práticas vagas e pouco refletidas. Aponta-se que os conceitos outros apreendidos durante a primeira metade dos cursos de licenciaturas são indispensáveis para a inserção nos espaços escolares, contudo quando o educador percebe a importância de existir uma correlação entre os conhecimentos específicos de cada curso e também de conceitos abarcados pelas ciências sociais, como os elementos que estamos abordando neste ensaio a cultura, identidade e diferença a prática pedagógica e a formação docente acontece de maneira mais unitária e dentro de uma completude.

## **CONCLUSÃO**

Vemos neste breve apanhado que a educação em seu sentido amplo perpassa um campo minado cheio de conceitos, interpretações e significados. Neste campo temos grandes marcadores: a cultura, as identidades, as diferenças e não podemos esquecer de mencionar os currículos. Com estes quatro elementos torna-se uma tarefa desafiadora escrever sobre a formação de professores a partir de um componente curricular que é o estágio obrigatório,

contudo não se pode negar a relevância de buscar compreender se existe contribuição deste componente na formação de professores. Contudo defendemos a proposição que os estágios aproximam os professores em formação (graduandos) de diferentes culturas, diferentes identidades e diferentes diferenças, tudo isso dentro dos espaços escolares, seu futuro ambiente de trabalho.

Por muito tempo se desconsiderou a existência de várias culturas, negou-se a questão das diferenças e das identidades nos espaços escolares, o que teve e ainda tem suas implicações diretamente na educação. Precisamos partir da afirmativa que estes elementos existem em diferentes espaços, neste contexto, nos espaços escolares e que justamente a partir deste entendimento que daremos um passo em busca de contribuições deste componente curricular na formação de professores.

Apontamos que os estágios supervisionados por perpassar os currículos nos espaços formativos, como é o caso das Instituições de Ensino Superior (IES) precisam fomentar discussões em que se façam presente o trato das diferenças, as diferentes culturas e suas manifestações nos espaços como a escola.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

CANEDO, Daniele Pereira. **Cultura, Democracia e Participação Social: Um estudo da II conferência Estadual de cultura da Bahia**. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós Graduação em Cultura e Sociedade, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 Ed. São Paulo: Editora Atlas s.a. 2002.

LIMA, T.C.S.; MIOTO, R.C.T.; "**Procedimentos Metodológicos na Construção do Conhecimento Científico: a pesquisa bibliográfica**". Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p.37-45 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802007000300004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004). Acesso em: em 14/06/2019.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio Curricular e Prática: os conceitos de prática presentes nos cursos de formação de professores. In: 2010. **O estágio na formação**

**de professores:** Unidade teoria e prática. 9ª Ed. São Paulo: Editora Cortez, p. 21-22, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011. (Coleção docência em formação-série saberes pedagógicos).

SILVA, Tadeu Tomaz. A produção social da identidade e da diferença. in SILVA da, Tadeu Tomaz. **Identidade e diferença** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000 p. 73-102.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação 15**, Rio Grande do Sul, v. 23, n. 1, p.5-15, ago. 2003.